

A CHITA NA LITERATURA INFANTIL: A LINGUAGEM DOS TECIDOS NAS NARRATIVAS VISUAIS DA CULTURA BRASILEIRA

Priscila Barbeiro (PIBIC/CNPq-FA- UEM) Ivana Guilherme Simili (Orientadora), email: ivanasimili@ig.com.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes /Maringá, PR.

Ciências Humanas/ História

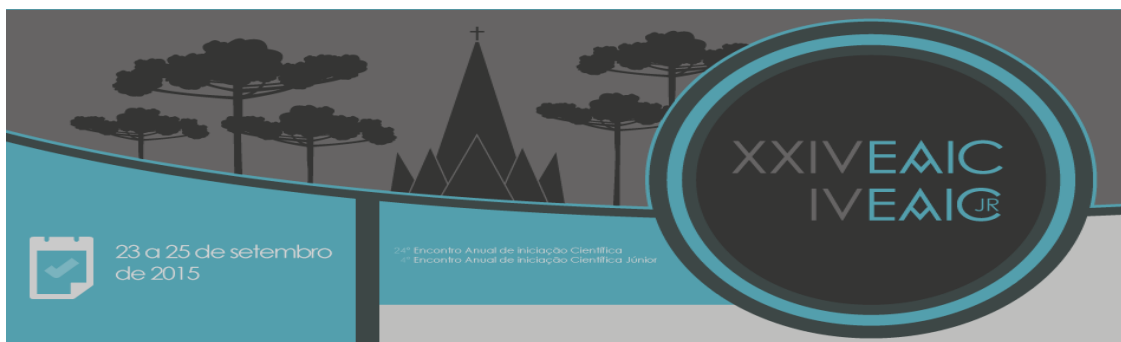
Palavras-chave: Chita, Cultura, Arte.

Resumo:

No trabalho, a relação entre Arte e cultura brasileira, é examinada por intermédio da análise das apropriações de um tecido, a chita, na criação de visualidades de livros destinados aos segmentos infantis. Analisamos, portanto, as obras que incorporam os tecidos nas capas e nas páginas dos livros para narrar histórias para crianças: O Rapto do Galo (2014) de Fabiana Karla e A Seda e a Chita (2011) de Paula Acioli. Neles, as histórias narradas abordam temáticas e questões das variedades e diversidades culturais. O primeiro emprega a chita nas narrativas das festividades populares de Pernambuco; o segundo, instrumentaliza o tecido para focalizar temáticas relativas à diversidade cultural e social. Face ao exposto, por meio da análise das imagens consideramos que os usos da chita nas ilustrações constituem-se em linguagens e narrativas visuais que contribuem para ensinar e estimular as crianças a valorizarem as cores, os coloridos e as formas das artes e das culturas nacionais.

Introdução

No trabalho, buscamos compreender a relação entre Arte e cultura, por meio da análise das apropriações de um tecido, a chita, na criação de visualidades de livros destinados aos segmentos infantis. Analisamos, portanto, as obras que incorporam os tecidos nas capas e nas páginas dos livros para narrar histórias para crianças: O Rapto do Galo (2014) de Fabiana Karla e A Seda e a Chita (2011) de Paula Acioli. O livro “O Rapto do Galo” (2014) de Fabiana Karla é um cordel contemporâneo que narra com humor e rima o sumiço de um dos grandes símbolos do carnaval do Recife: a ave que representa o maior bloco de rua do Nordeste. Na descrição os/as leitores/as infantis vão sendo conduzidos ao



mundo da folia de carnaval, com seus bonecos, o maracatu, o frevo que fazem fervilhar personagens, ambientes que revelam a cultura nordestina por meio dos painéis de cores e texturas que trazem a chita e a xilogravura como pano de fundo.

O livro “A Seda e a Chita” (2011) de Paula Acioli é repleto de referências sobre Moda e Cultura, o enredo da história apresenta aos leitores uma narrativa de diferenças étnicas, culturais e sociais. O livro conta a história da amizade entre duas meninas, uma das meninas é estrangeira, tem a pele negra, o cabelo cacheado e é filha de diplomatas. A outra é brasileira, branca, de cabelos castanhos, mora numa comunidade no morro do Rio de Janeiro. Um dos momentos importantes da história é um convite que as meninas recebem para conhecer uma fábrica de tecidos. Após esta visita, são presenteadas com tecidos e suas mães transformam-nos em vestidos que são usados durante a história. A paixão delas pela nova roupa é de tal intensidade, que ganham o apelido de Seda e Chita.

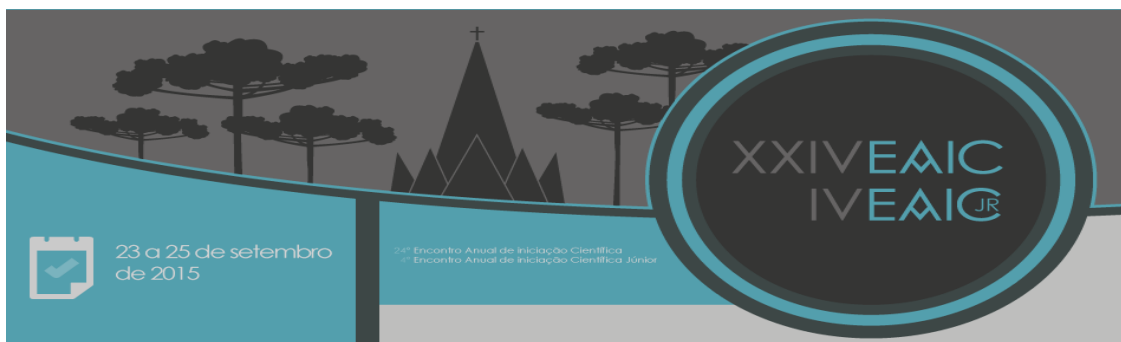
Face ao exposto, consideramos que o uso da chita nas ilustrações é um elemento integrante na mensagem comunicada pelos livros infantis, no sentido de retratar e caracterizar a cultura e a moda brasileira. Dessa forma, um dos objetivos da pesquisa foi o de abordar as questões históricas e culturais que caracterizam a chita na moda brasileira, e o porquê a chita é considerada atualmente pela história da moda como o “tecido que tem a cara do Brasil”, sendo dessa forma, apropriada pela literatura infantil, em específico nos livros de análise, para criar e disseminar imagens do Brasil e da brasilidade de suas festas e pessoas – com as cores e as formas de viver, de se vestir para as sociabilidades que permeiam as relações e as interações pessoais e sociais.

Materiais e métodos

Qualquer análise sobre tecidos e arte exige que se compreenda o trabalho artístico ou as escolhas dos materiais usados pelo artista na criação das ilustrações como veículo de comunicação visual na produção de sentido para as histórias narradas. No caso em específico, a remissão ao tecido, a chita pelas autoras das obras analisadas, exige que se conheçam aspectos de sua história para entender os simbolismos que os usos do tecido fazem circular.

A chita é um dos tecidos brasileiros emblemáticos da brasilidade. Como tal, passou por várias modificações até chegar na forma como a conhecemos hoje, com cores primárias e secundárias em tons vivos, grafite delineando os desenhos, num fundo onde há a predominância de uma cor.

Nos aspectos de seus usos, a chita vestiu escravas e mulheres da elite, ao ser utilizada na criação de estilistas como de Zuzu Angel. Foi pano de forrar



mesa de cozinha e roupa de cama – colchão e coberta -. Pelas potencialidades da chita em designar e comunicar a cultura brasileira foi incorporada pela literatura, pelo cinema e pelas manifestações artísticas. Vestiu movimentos culturais, coloriu festas populares, participou de tradições religiosas, tornando-se símbolo da moda brasileira. Como signo de brasilidade associada ao nosso ambiente tropical, simboliza a alegria descarada na combinação das cores e das misturas descontroladas de estampas, a alegria genuína do povo brasileiro que viveu história de castigo, festa, trabalho e arte. (MELLÃO, 2005).

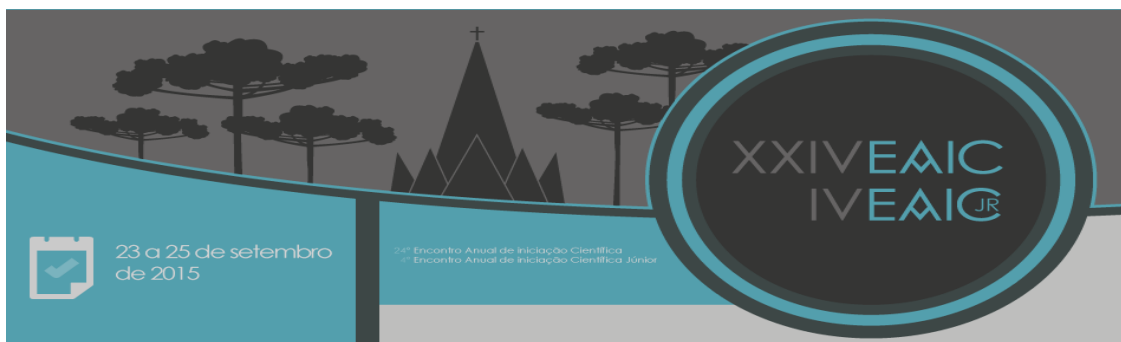
Face ao exposto, o princípio teórico e metodológico é o de que a utilização da chita nas narrativas infantis contém fios que “tramam contextos, alinhavam histórias, arrematam elos de nossa cultura” (CHATAIGNEIER, 2006, p.11). Assim, resta responder, como a chita contribui para comunicar às crianças temáticas relativas à variedade e diversidade cultural brasileira, estimulando-as a valorizarem as diferenças regionais e étnicas?

Resultados e Discussões

No livro *O Rapto do Galo* (2014), a chita empregada é uma mistura de rosas amarelas com manchas laranja e vermelhas, rodeadas de folhas verdes, num plano de fundo preto. Em cada página do livro, aparece pelo menos uma reprodução do tecido de chita, sendo estampa de chapéu, de peruca, de paletó, de saias, vestidos, guarda-chuva, mesa, e até das penas do galo. Dessa forma, a chita é incorporada em todo o livro, por diferentes segmentos: vestuário, objetos e personagens, se afirmando com um elemento característico da cultura popular regional - a pernambucana.

No livro *A Seda e a Chita* (2011), o enredo da história e suas ilustrações usam os tecidos como metáfora de identidade. A Chita é representada como o tecido da garota brasileira, que vive no morro e ama o Rio de Janeiro. Suas cores alegres e estampas florais são signos de uma brasilidade associada ao ambiente tropical e a alegria do nosso povo, considerada, muitas vezes, o caráter que nos identifica. Uma das caracterizações da chita, como tecido popular e de baixo custo foi a de marcar as distinções sociais. Rocha e Queiroz (s/d p.5) comentam as metamorfoses e suas disseminações pelos diferentes segmentos sociais: “[...] de paninho barato, de fácil acesso ao povo. Cresceu, apareceu se espalhou e se transformou “na cara do Brasil”.

Na história do livro, o emprego da chita e como contraponto, da seda para caracterizar a garota estrangeira, rica, requintada e de maior poder aquisitivo, investe-se nas imagens da morenidade e da alegria das brasileiras com suas cores, flores e estampas.



Conclusões

Nas páginas dos livros estão as apropriações da chita como signos e símbolos da cultura brasileira em diferentes interfaces. Por meio desta operação, os empregos da chita na criação das imagens educam as subjetividades e sensibilidades das crianças, no sentido de valorizar a cultura regional, de entenderem o papel da arte em tecidos, como produtores de significados para as identidades nacionais, de incorporarem os signos de brasilidade como colorida e múltipla.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação PIBIC/CNPq-FA- UEM pela concessão da bolsa e ao CNPq pelo financiamento da pesquisa.

Referências

ACIOLI, P. **A seda e a chita**. SP: Saraiva, 2011.

CHATAIGNIER, G. **Fio a fio**. Tecidos, moda e linguagem. SP: Estação das letras e cores, 2006.

KARLA, F. **O rapto do galo**. RJ: Rocco, 2014.

MELLÃO, R. **Que chita bacana**. São Paulo: A Casa, Museu, 2005.

ROCHA, M. D; QUEIROZ, M. **O significado da cor na estampa do tecido popular**: a chita como estudo de caso. Disponível em:
<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda-2010/68848-O-significado-da-cor-na-estampa-do-tecido-popular-a-.pdf>. Acesso em: jun. 2015.